

GISELE SANGLARD | LUIZ OTAVIO FERREIRA | MARIA MARTHA DE LUNA FREIRE
MARIA RENILDA NERY BARRETO | TANIA SALGADO PIMENTA

Filantropos da Nação

sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal

 FGV EDITORA

 **FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Copyright © 2015 Gisele Sanglard, Luiz Otávio Ferreira, Maria Martha de Luna Freire, Maria Renilda Nery Barreto, Tânia Salgado Pimenta

Direitos desta edição reservados à

EDITORA FGV
Rua Jornalista Orlando Dantas, 37
22231-010 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil
Tels.: 0800-021-7777 — (21) 3799-4427
Fax: (21) 3799-4430
e-mail: editora@fgv.br — pedidoseditora@fgv.br
web site: www.fgv.br/editora

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/98).

Os conceitos emitidos neste livro são de inteira responsabilidade dos autores.

1ª edição, 2015.

Revisão de originais: Diogo Henriques

Editoração eletrônica: FA Editoração

Revisão: Fernanda Villa Nova de Mello e Cecília Moreira

Capa: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Imagem da capa: Visita de d. Darcy Vargas ao pai. Foto Augusto Malta, 1931. Coleção Augusto Malta. Acervo Museu da Imagem e do Som-RJ

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA MARIO HENRIQUE SIMONSEN/FGV

Filantropos da nação : sociedade, saúde e assistência no Brasil e em Portugal
/ Gisele Sanglard...[et al.]. — Rio de Janeiro : Editora FGV, 2015.
312 p.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-225-1551-6

1. Assistência social. 2. Assistência a menores. 3. Crianças —
Assistência em instituições. 4. Casas de misericórdia. I. Sanglard, Gisele.
II. Fundação Getulio Vargas.

CDD — 361.75

Sumário

Prefácio <i>Laurinda Abreu</i>	7
Apresentação	13
ELITES E CARIDADE	
Capítulo 1 O privilégio da caridade: comerciantes na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1750-1822) <i>Renato Franco</i>	23
Capítulo 2 O estado da Misericórdia: assistência à saúde no Rio de Janeiro, século XIX <i>Tânia Salgado Pimenta e Elizabete Vianna Delamarque</i>	39
Capítulo 3 Composição social dos irmãos e dirigentes da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil (1847-1922) <i>Cláudia Tomaschewski</i>	55
MÉDICOS E FILANTROPOS	
Capítulo 4 Entre mundos: Thomaz de Mello Breyner e a clínica de sífilis do Desterro, Lisboa <i>Cristiana Bastos</i>	77
Capítulo 5 Crescêncio Antunes da Silveira: um médico filantropo baiano <i>Cleide de Lima Chaves</i>	95
Capítulo 6 Quando a caridade encontra a ciência: um olhar sobre a trajetória do dr. Arthur Moncorvo Filho <i>Maria Martha de Luna Freire</i>	113
Capítulo 7 Filantropia e política pública: Fernandes Figueira e a assistência à infância no Rio de Janeiro na Primeira República <i>Gisele Sanglard</i>	133

Capítulo 8	Coração e ciência: Vitor Ferreira do Amaral e a prática da medicina e da assistência à maternidade e à infância na Curitiba do início do século XX <i>Ana Paula Vosne Martins e Michele Tupich Barbosa</i>	149
Capítulo 9	Mens sana in corpore sano: a religião da higiene e da profilaxia em Fernando Bissaya Barreto <i>Sandra Xavier</i>	165
FILANTROPIA EM AÇÃO: LIGAS, ASILOS E MATERNIDADES		
Capítulo 10	Dar à luz no Rio de Janeiro da belle époque: o nascimento das maternidades (1870-1920) <i>Maria Renilda Nery Barreto</i>	185
Capítulo 11	Fernandes Figueira: ciência e assistência médico-psiquiátrica para a infância no início do século XX <i>Renata Prudencio da Silva e Ana Teresa A. Venancio</i>	203
Capítulo 12	A filantropia "paulista" que ficou "paulistana": a Liga Paulista contra a Tuberculose, 1904-1920 <i>André Mota</i>	225
Capítulo 13	Medicina e filantropia contra o abandono institucionalizado: transformações da assistência à infância na Bahia (1923-1935) <i>Lidiane Monteiro Ribeiro e Luiz Otávio Ferreira</i>	245
Capítulo 14	Médicos e mulheres em ação: o controle do câncer na Bahia (primeira metade do século XX) <i>Christiane Maria Cruz de Souza</i>	259
FILANTROPIA NA LITERATURA FEMININA		
Capítulo 15	Da caridade à assistência: a proteção à criança e à mulher nas páginas e ações de Júlia Lopes de Almeida <i>Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi</i>	279
Capítulo 16	Reinações filantrópicas no diário de Alice Dayrell Caldeira Brandt <i>Suely Gomes Costa</i>	297
Sobre os autores		311

Prefácio

Laurinda Abreu

Virtude social por excelência, que se confundia com humanidade, cidadania e patriotismo, a filantropia era igualmente, para os homens do Setecentos, um programa de ação que via no fazer bem ao outro um princípio ético, de utilidade social. A filantropia tinha como primado a procura de eficácia na intervenção, que se queria transformadora. Afastava-se da caridade, não tanto pelas profundas motivações religiosas que caracterizavam as práticas assistenciais tradicionais, mas por seu caráter meramente paliativo. Na França revolucionária, a filantropia tornou-se sujeito de um discurso moral e social estruturado sobre os valores da razão e da justiça, que se fez acompanhar de um manual de instruções a ser usado pelo "homem de Estado filantrópico".

Num cenário de grande porosidade intelectual, a Europa setecentista convergia na identificação dos problemas sociais e aproximava-se nas soluções apontadas para resolvê-los. A partir do início do século seguinte, reforçava-se o investimento do Estado na melhoria da situação das populações, procurando cumprir agendas específicas direcionadas para o desenvolvimento dos respectivos países. Mais ou menos repressivas, conforme os espaços em análise e a ideologia dominante, quase todas defendiam o trabalho, quer como forma de assistência, quer como contrapartida ao auxílio prestado. Em Portugal, Diogo Inácio de Pina Manique, intendente-geral da polícia entre 1780-1805, foi o arauto dessas ideias, na sua vertente predominantemente germânica e francesa, e não menos paternalista.

Independentemente da geografia ou da confissão religiosa, os pobres e a pobreza eram colocados no centro das reflexões dos políticos e dos observadores sociais, atraindo novos atores e contributos, num tempo de grande efervescência ideológica. As elites continuavam a dominar, mostrando-se influenciadas pelas preocupações governamentais com as causas estruturais da pobreza. Regra geral, o labor dos filantropos transportava uma forte componente política.

O Brasil terá sido feito de muitos filantropos, de proveniências sociais e profissionais bastante diversificadas. Terão sido, como em outros espaços, professores, financeiros e aristocratas liberais, entre eles alguns pertencentes à maçonaria-

*Cristiana Bastos**Um médico entre o high life e o low life*

Thomaz de Mello Breyner (1866-1933) entrou na minha vida quando me iniciava ao estudo do espólio do Hospital do Desterro, em Lisboa.¹ Seu nome era indissociável da memória do hospital, seu busto de pedra marcava o espaço. As narrativas sobre os primórdios da assistência à sífilis remetiam a sua pessoa, seu bom modo, seus atos de generosidade e sua capacidade de intervir junto das esferas políticas e econômicas para melhorar as condições da clínica. Um fundador, portanto, e eu estava para conhecer sua história como parte da história maior daquele hospital e da saúde na cidade de Lisboa.

Da personagem irradiava algo que ia para além de antepassado fundador de um hospital. Não era propriamente aquela aura de santo e herói que se atribui a al-

* Este texto resulta de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Projeto “A Ciência, a Clínica e a Arte da Sífilis no Desterro, 1897-1955”, coordenado pela autora no Instituto de Ciências Sociais com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (HC/0071/2009). Agradeço aos restantes membros da equipe — pesquisadores Ana Delicado, António Perestrelo, Luís Saraiva, Célia Pilão, Sandra Tacão, Rita Carvalho e Mónica Saavedra, e consultores Sérgio Carrara, Ilana Lowy e Marta Lourenço — a permanente discussão e análise de dados. Agradeço, sobretudo, a Renilda Barreto a interlocução constante e o estímulo para não desistir de trazer Thomaz de Mello Breyner para este volume. Alguns dos elementos incluídos na subseção “Anotações clínicas” foram já trabalhados pela autora no capítulo “Thomaz de Mello Breyner e a clínica de sífilis” do volume *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública* (Bastos, 2011). As pesquisas relativas a Teresa de Mello Breyner e à Academia das Ciências foram desenvolvidas pela autora enquanto parte do projeto coordenado por Ana Delicado no ICS “SOCSCI — Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea” (PTDC/CS-ECS/101592/2008).

¹ O Hospital do Desterro foi encerrado em 2007. Graças aos esforços do médico dermatologista dr. João Carlos Rodrigues (1951-2009), que resgatou do esquecimento não apenas as narrativas e interpretações como a quase totalidade das peças que hoje constituem seu espólio, e ao bom acolhimento da dra. Célia Pilão, administradora do Centro Hospitalar de Lisboa Central, as coleções do Desterro estão hoje bem guardadas e abertas ao público no Hospital de Santo António dos Capuchos, Lisboa, a curta distância da morada inicial.

guns médicos a quem a vocação fez trocar a vida mundana pela total entrega ao tratamento dos pobres e despossuídos. Não se tratava de outro Sousa Martins, a quem em vida eram atribuídas extraordinárias capacidades humanas, médicas e científicas, e a quem a morte ampliou os poderes, tornando-o agente de curas espirituais e objeto de culto.² Thomaz de Mello Breyner era amigo e admirador de José Thomaz de Sousa Martins (1843-1897),³ mas fazia outro gênero de médico, dedicado e cuidadoso, sim, porém nos intervalos de uma intensa vida social.

Thomaz era um homem do mundo, testemunha e participante da *belle époque* portuguesa, parte do *establishment* de fins do regime monárquico e nele entrosado por laços de parentesco, afinidade, amizade e convívio. Era o quarto conde de Mafra, na sequência do seu tio-avô (Lourenço), do seu pai (Francisco) e irmão mais velho (Francisco).⁴ Descendia das casas de Linhares e Ficalho; o pai tinha sido dos “Bravos do Mindelo”, lutando ao lado de d. Pedro contra o regime absolutista de d. Miguel, e conhecera o exílio antes de o liberalismo constitucional se instalar definitivamente no poder (Breyner, 2005:117-118). Thomaz era desde pequeno amigo dos infantes d. Carlos e d. Afonso; se a família em que nascera tinha mais pergaminhos que dinheiro, depois de casado viveria em luxo e conforto — mas nunca em arrogância. Foi médico do paço, circulava nos palácios e nas estâncias de vilegiatura então em voga na Europa. Monárquico convicto, sofreu abertamente quando em 1908 foram assassinados o rei d. Carlos e o príncipe real d. Luís Filipe, prolongando sua assistência solidária à rainha viúva, d. Amélia, e ao novo monarca, d. Manuel II, acompanhando-os pessoalmente à porta do exílio quando, em outubro de 1910, se instaurou definitivamente a República em Portugal.

Era também amigo dos colegas republicanos, como Miguel Bombarda, com quem viajou ao Congresso Internacional de Medicina em Madri, em 1903.⁵ Tam-

² A estátua de Sousa Martins, colocada em frente da Faculdade de Ciências Médicas, perto de diversos hospitais do centro de Lisboa, atrai diariamente devotos e passantes que ali pedem graças, favores e ajuda para a resolução de crises de saúde e outros aspectos da vida. Ver: Pais (1994); Bastos (2001:303-324).

³ José Thomaz de Sousa Martins era padrinho do pequeno José Thomaz de Mello Breyner, filho de Thomaz de Mello Breyner. Ao longo dos anos, Thomaz celebra com saudade o dia de aniversário do amigo e compadre e lamenta sua partida (Breyner, 2005).

⁴ Para a genealogia dos condes de Mafra, veja-se a nota prévia de Gustavo de Mello Breyner Andresen à edição dos diários de Thomaz de Mello Breyner, *Diário de um monárquico 1902-1904*. O primeiro conde de Mafra, tio-avô de Thomaz, morreu sem descendentes; o segundo foi Francisco Mello Breyner, pai do nosso herói; o título de terceiro conde de Mafra foi outorgado a Francisco Mello Breyner, irmão de Thomaz, já em tempo de República, por telegrama do monarca exilado d. Manuel II, em 1922. Ainda em 1922, foi outorgado o título de quarto conde de Mafra — agora a Thomaz — com validade de duas gerações.

⁵ Desses episódios, incluindo as discussões científicas e as aventuras da partilha de alojamento com Miguel Bombarda num péssimo hotel pejado de percevejos e da mudança para o mais apro-

bém com Miguel Bombarda e outros médicos ilustres preparou, desde esse ano, a edição seguinte, a ser realizada em Lisboa, em 1906: o XV Congresso Internacional de Medicina. Ao evento acorreram os grandes nomes da medicina mundial, que mantiveram importantes discussões e apresentações, e visitaram alguns dos principais locais de assistência — incluindo o Desterro — e de ensino. O edifício da nova escola médica, no Campo de Santana, foi inaugurado para a ocasião.⁶

Figura 1

A nova Escola Médico-cirúrgica, inaugurada em 1906



Fonte: Acervo da autora.

O nome de Mello Breyner remete também a linhagens de letras e ilustração: para citar apenas dois exemplos, a celebrada poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) e, mais distante, a misteriosa Teresa de Mello Breyner (1739-1798?), condessa de Vimieiro, vencedora anônima de prêmios literários

priado hotel inglês em Madri, ver: Breyner (2005:146-147).

⁶ Os trabalhos preparatórios, presididos por Costa Alemão, foram iniciados a 3 de junho de 1903. Para não faltar à reunião, Thomaz de Mello Breyner pediu à rainha dispensa de estar presente no jantar do Paço (Breyner, 2005). O impacto do congresso está presente ao longo das entradas de 1906 (Breyner, 2002).

e obreira invisível da Real Academia das Ciências, em Lisboa.⁷ A seu modo, também Thomaz experimentou as letras. Com seu parente e amigo conde de Sabugosa, que preferia a narrativa histórica aos jogos de baralho, desenvolveu uma intensa relação epistolar que lhe consolidou o gosto pela escrita e o hábito de fazer anotações diárias, conservando a memória dos fatos e os detalhes dos acontecimentos. As anotações serviriam de base aos volumes de memórias anevistos. O primeiro deles, editado em 1930 e relativo aos anos de 1866-1880, baseou-se em reminiscências da infância e primeira juventude, projetando ainda memórias da família (Breyner, 1930). A organização do segundo volume foi interrompida pela morte do autor, em 1933; mesmo assim, foi editado, em menor tamanho e sem a encadernação final, reportando-se a 1880-1883 (Breyner, 1934). Os anos restantes da vida de Thomaz de Mello Breyner estão registrados em dezenas de diários que foram organizados e publicados pelo neto, Gustavo de Mello Breyner Andresen, enquanto *Diário de um monárquico*.⁸

As memórias e diários de Mello Breyner são uma boa chave para conhecer a vida das elites lisboetas de fins do século XIX e princípios do XX. Os Bragança, Orleans, Ficalho, Sabugosa, da Ribeira, da Ponte, Câmara, Daupias, Burnay, Pinto Basto e muitos outros, da casa real aos vários setores da aristocracia e alta burguesia, com ramificações francesas, inglesas e onde mais as alianças matrimoniais e os laços de parentesco se estendiam, todos desfilam nas suas páginas como amigos, convivas, primos, tios, colegas, visitantes, visitados, cunhados, sogros, genros, noras, filhos e filhas, e com eles chegam-nos também os cenários, locais e algumas ideias dessa época de transição entre o final da monarquia e o início da República. Estão também presentes, retratados com não menos carinho — com nomes, rostos, atitudes e afetos —, os que os serviam, ajudavam e assistiam. Em retrospectiva, chegamos ainda às tensões políticas que tinham varrido o país no rescaldo da Independência do Brasil, opondo os liberais-constitucionais que se alinhavam com d. Pedro IV (Pedro I do Brasil) e os absolutistas que se alinhavam com seu irmão d. Miguel. Antes de se tornarem vencedores, muitos dos aristocratas liberais tinham conhecido o exílio na França, e entre eles estavam parentes próximos de Thomaz. Às suas memórias, experiências,

⁷ Ver: Horta (2011); Vázquez (2005); Anastácio (2005:427-445).

⁸ Sempre com seleção e notas de Gustavo de Mello Breyner Andresen, foram publicados os seguintes títulos de Thomaz de Mello Breyner: *Diário de um monárquico 1908-1910* (Breyner, 1993); *Diário de um monárquico 1911-1913* (Breyner, 1994); *Diário de um monárquico 1905-1907* (Breyner, 2002); *Diário de um monárquico 1902-1904* (Breyner, 2005); e ainda um livro de anotações sobre as viagens a bordo do iate real *D. Amélia*.

conexões e a outros elementos de repertório cultural, social e político também nos fazem chegar os escritos que deixou.

Outra faceta de Thomaz de Mello Breyner levava-o, com a mesma naturalidade que usava em salões e teatros, a assistir os pacientes que procuravam alívio para os sintomas que a sífilis e outras infecções faziam sentir, literalmente, na pele. Fazia-o naquele que era talvez o mais enfermo, vil e desprezado dos serviços de assistência na cidade: a consulta de moléstias venéreas associada ao Hospital de São José, alojada no antigo convento do Desterro, à beira dos bairros de baixo meretrício (Bastos e Carvalho, 2011:151-162). Com condições muito precárias e meios quase nulos, o Desterro era, em finais do século XIX, uma espécie de repositório de indesejáveis onde ninguém almejava praticar a clínica; um “ignóbil pardieiro” que chocara o rei d. Luiz quando, em 1878, o visitou; onde se acumulavam os excedentários do Hospital de São José, em torno de uma centena, “especialmente tinosos, variolosos e meretrizes” (Penela, 1997:XII). E ao Desterro se vai associar indelevelmente o nosso herói: como João Carlos Rodrigues dizia, Mello Breyner era o próprio Hospital do Desterro (Rodrigues, 1988).

Figura 2

Rua Nova do Desterro; à esquerda, o hospital do Desterro



Fonte: Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa. Fotógrafo: Belissário Pimenta.

Em suma, Thomaz de Mello Breyner não é somente um nome de antepassado na história do Desterro e da sifilografia em Portugal, nem apenas um aristocrata de fim de época anotando o dia a dia de uma elite em vias de extinção. É um mediador de mundos — de um lado o aristocrata bem inserido numa sociedade que se vê decadente, mas folga ainda e mobiliza o que tem para gozar

a vida e assistir quem precisa; do outro lado o clínico sensível ao bem-estar dos pacientes, capaz de mobilizar seu capital cognitivo e social para melhorar as condições de assistência.

Graças a essa posição de mediador, Thomaz de Mello Breyner consegue dar um dinamismo ao que pouco mais era que uma retaguarda triste do Hospital de São José. Pouco a pouco, foi criando no Desterro espaço para tratamento condigno da sífilis e moléstias venéreas. Foi crucial na melhoria das condições de assistência: perante a inexistência de pessoal auxiliar e de enfermagem, pôs os doentes para cuidarem uns dos outros — destacando-se Roberto, seu braço direito — até que lhe foi concedido pessoal de apoio (Breyner, 2005; Penela, 1997). Persuadiu seus conhecidos na indústria e comércio, como o influente Grandella, a doarem equipamentos, materiais, enxovais; até da Casa Real obteve um microscópio (Penela, 1997:XIII-XIV). Sobrepondo as valências de médico e de cidadão bem inserido nas mais altas esferas, ajudou a transformar o campo da assistência à sífilis em Portugal.

É a essa personagem polifacetada que nos propomos chegar através de fontes que incluem suas memórias, os diários publicados postumamente, suas teses e artigos e as anotações clínicas que deixou nos livros de consulta do hospital do Desterro.

Thomaz de Mello Breyner contado por si mesmo

Bastante frequentes na língua inglesa, diários e memórias são raros entre nós. Se essa ausência se justifica com a secular falta de acesso à escrita como tecnologia de conservação da experiência para a maioria do povo, que a conservou noutros registros de oralidade e arte, diferentes razões concorrerão para sua raridade entre a elite letrada. Sem querermos abrir essa vasta discussão, saudemos o fato de Thomaz de Mello Breyner ter fugido à regra e mantido desde jovem o hábito de escrever sempre e sobre tudo, proporcionando-nos uma narrativa cândida do período em que viveu e dos tempos que o antecederam.

É pela sua pena bem-humorada que ficamos a conhecer ao pormenor o momento de seu nascimento e os primeiros anos de vida. Nasce a 2 de setembro de 1863 no Castelo de São Jorge, em Lisboa, onde o pai comandava uma unidade militar e vivia com a família. Fraco e débil, é-lhe vaticinado um futuro de ócio com “muito de comer e pouca instrução” (Breyner, 1930:14). Evoca-o jocosamente, tal como ao “chá fraquinho” que lhe foi dado logo às primeiras horas; que ficasse patente que não lhe faltara o “chá” (educação) em criança (Breyner, 1930:2).

Filho temporão, acompanha os pais pelos salões e saraus que frequentam (Breyner, 1930:3 e segs., 1934:69). Vê passar os infantes, mais tarde priva com eles, faz estadias em Mafra, frequenta o paço na Ajuda (Breyner, 1930, passim). Estuda em casa, sem pressa, e na Escola Real, em Mafra, quando lá passa temporadas. Aprende a tocar rabeca (violino), não tem particular gosto pela caça, inveja o *lawn tennis* que se vai instalando como desporto de eleição, contudo não tinha os sapatos apropriados, nem o dinheiro (Breyner, 1930).⁹ A situação econômica da família não acompanha seu estatuto e capital social, mas os desafios são superados sem queixas nem ressentimentos. A dado momento, para que sua vida não ficasse pela “mandria da rabeca e outros disparates” e desse algum apoio à família, considera-se a possibilidade de trabalhar no comércio — algo que chega a experimentar, num escritório da Baixa de Lisboa, sem que ninguém o admoeste por desistir antes do final da primeira manhã (Breyner, 1930:362). Seu caminho vai ser outro. Pondera a carreira das armas e a Marinha, que são descartadas por motivos vários — entre os quais a idade na prestação de exames. Frequenta finalmente um colégio onde encontra o médico Manuel Ferreira Ribeiro (1839-1917), que se apresenta com aprumo militar e leciona história e geografia com paixão.¹⁰ Ferreira Ribeiro torna-se mentor do jovem Thomaz, dá-lhe lições privadas sem remuneração e prepara-o para uma carreira que, narra Thomaz nas memórias, ainda não pensava ser a de médico, mas, quando finalmente se forma em Medicina em 1892, é a Manuel Ferreira Ribeiro que dedica a tese (Breyner, 1934:90). Tornara-se amigo para vida e para a morte; indigna-se ao encontrar o velho médico à beira da indignância em 1908 e não esquece o que deve ao antigo professor: “quando aos 16 anos nada tinha, esse varão lecionou-me de graça. Devo-lhe a minha carreira” (Breyner, 1993:78). É dos únicos que acompanham o triste cortejo fúnebre de Ferreira Ribeiro ao cemitério dos Prazeres: “era um sargento reformado da armada, uma velhota lacrimosa... e eu!” (Breyner, 1934:91).

Thomaz vem a constituir família com uma das casas mais ricas de Lisboa, os Burnay, e vive em conforto na rua da Junqueira; tem nove filhos que povoam as páginas do seu diário — nas alegrias, nas doenças, nas idas ao colégio, às estâncias de verão. Dos diários emerge um homem feliz e realizado, porém atento ao mundo em seu redor e ao sofrimento dos que nele vivem. As entradas combinam curtas referências ao hospital, sempre de manhã cedo, muitas vezes conduzindo o próprio automóvel (uma raridade ao tempo), e igualmente curtas menções ao consultório, no princípio da tarde, com mais generosas descrições

⁹ Em adulto, porém, jogará com frequência (ver: Breyner, 2005).

¹⁰ Para essa idiossincrática figura, que a dado momento teve um importante papel na propaganda colonial e na Sociedade de Geografia, ver: Bastos (2011c:27-54).

dos momentos de convívio com familiares e amigos, idas ao colégio dos filhos, em Campolide, saídas com as filhas e a preceptora, almoços no Hotel Central (propriedade do sogro) ou na Junqueira, idas ao paço, ao teatro, à ópera, visitas à prima Maria Ficalho nos Caetanos, passeios ao campo que incluíam visitas a antigos empregados, idas ao São Carlos, à Ajuda, a Mafra, a Cascais, a Sintra, e também a Paris, a Biarritz, a Vernet-les-Bains e Salles-de-Bearn, na França, ou, mais próximas de casa, as termas de Mondariz (Galiza) ou Pedras Salgadas. Sua dedicação aos filhos é enternecedora, sua lealdade aos monarcas admirável, e seu legítimo interesse na medicina não se ofusca pelo fato de não trazer detalhes para os diários pessoais; esses ficam para os artigos e livros, para as notas clínicas do hospital e consultório.

Os grandes momentos e contextos da sua carreira médica estão bem contados nos diários, e algumas entradas do segundo volume de memórias já incluem referências à medicina. Descreve-a como ingrata, já que quando o doente se salva se agradece à divina providência, mas quando morre, dá-se a culpa ao médico — que aliás é visto como alguém com licença para “matar sem ir para a cadeia” (Breyner, 1934:35). Mas é nos diários postumamente compilados que encontramos mais referências à sua vida de médico, que se completam com os trabalhos publicados e as anotações clínicas.

Thomaz de Melo Breyner forma-se em 1892, apresentando a tese *Da retroflexão uterina: hysteropexia e laparotomia*, e vai aprofundar os conhecimentos de venereologia na França, com Fournier e Brissard (Rodrigues, 1997:VII). Ao longo da vida manterá contato com esses médicos, consultando-os, visitando-os ou recebendo-os em Lisboa para convívio familiar e visitas ao hospital (Breyner, 2005, 2002). Quando regressa da França, assume a posição de físico do paço, e só mais tarde integra a frente da assistência pública.

Em 1892, tinha sido criada uma consulta de moléstias sífilíticas e venéreas no Hospital de São José, e a sua coordenação estava a cargo do cirurgião Antonio Sousa Lopes. Este tinha, entretanto, assumido uma posição na África, e a consulta de venereologia estava sem médico. É aí que entra o jovem Thomaz de Melo Breyner, em 1897, e tudo se vai transformar. A consulta funciona precariamente no Desterro, onde já existiam enfermarias para tratar/encarcerar as prostitutas que a polícia sanitária considerava ameaças à saúde pública. Em 1982 tinha sido ali criada a enfermaria de Santa Maria Egípcíaca,¹¹ com vista

¹¹ A entidade de Santa Maria Egípcíaca corresponde a uma prostituta do antigo Egito que se redimiu e santificou; esteve em voga nos séculos XVIII-XIX e, entretanto, caiu no esquecimento público. Agradeço a Luiz Mott a discussão sobre o nome, que foi também o patronímico da sua heroína *Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil* (Mott, 1993). Quanto à enfermaria de Santa

a albergar em condições um pouco mais dignas as mulheres que iam sendo atiradas pela polícia para o Hospital de Rilhafoles, o qual, entretanto, se vocacionava para as doenças mentais.¹² Várias outras enfermarias de internamento se foram acrescentando,¹³ entre as quais a de S. Bernardo, de venereologia de homens, cuja direção interina era por vezes assumida por Thomaz de Melo Breyner (Breyner, 2005); a de Santa Maria Madalena, que ele viria a chefiar em 1906 (Breyner, 2002); e a da Piedade, onde mais tarde aplicaria o 606 para tratamento de sífilis (Breyner, 2002). Ao longo da sua carreira, nosso médico foi lutando por uma articulação melhor entre a consulta externa e os internamentos; pela melhoria das condições de internamento, pedindo verbas aos poderes públicos mas não hesitando em recorrer à caridade, aceitando dádivas e aplaudindo visitas como a da prima Maria Ficalho, que às internadas do Desterro trazia amêndoas na Páscoa e bolos no Natal e nos Reis (Breyner, 2005, 2002);¹⁴ e pela elevação do nível de cuidados clínicos, dialogando com colegas internacionais e trazendo-os a visitar o local sempre que havia ocasião, como aconteceu em janeiro de 1903, com a visita de Brissard, e em abril de 1906, com os diversos especialistas que se deslocaram ao Congresso Internacional de Medicina em Lisboa (Breyner, 2005, 2002).

As anotações de um clínico

Tal como a sua vida se inscrevia na memória do hospital, Thomaz de Melo Breyner ia inscrevendo notas junto aos registros clínicos, completando-os, fixando para além dos formulários, e da normatividade neles contida, o que era um encontro único entre aquele médico e aquele ou aquela paciente, e a sua enfermidade, e a instituição, na época, na sociedade e costumes em que viviam. Entre o espólio do Hospital do Desterro encontram-se nove livros de grande formato, encadernados, pesados, de folhas numeradas e pautadas, contendo os registros clínicos da consulta de moléstias sífilíticas e venéreas de mulheres entre 1897 e 1909. Foram preenchidos pela mão de Thomaz de Melo Breyner, que não apenas supervisionava a consulta e atendia diretamente os pacientes como registrava,

Maria Egípcíaca no Desterro, chefiada por Augusto Monjardino, ver: Mora (2010). Ver também: Bastos e Carvalho (2011); Bastos (2011b:163-173).

¹² Ver: Mora (2011:48); Bastos e Carvalho (2011).

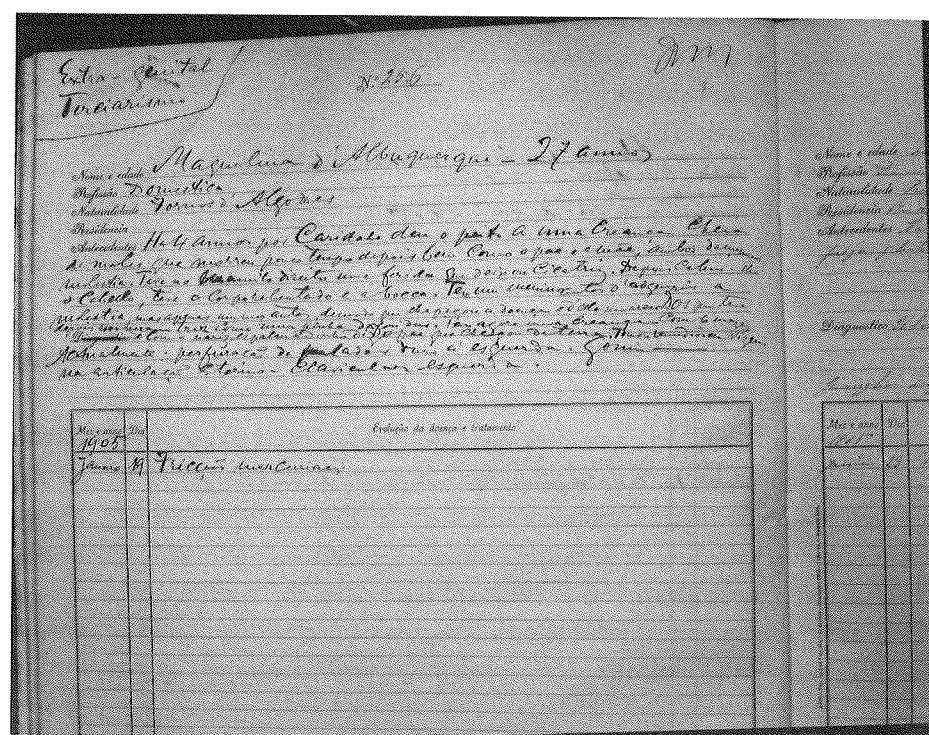
¹³ Ver: Mora (2011:41-56). Como aponta o autor, é necessária mais pesquisa para estabelecer a cronologia e funções de todas as enfermarias.

¹⁴ Se os bolos e amêndoas não chegaram até nós, alguns livros de romances franceses com que as internadas se podiam entreter integram ainda a coleção.

anotava e por vezes comentava os dados clínicos. Cada folha corresponde a uma ficha clínica, com um cabeçalho padrão de que consta o nome, idade, naturalidade, residência, profissão e diagnóstico do paciente, com um largo espaço para o registro das terapias e resultados. Algumas das fichas contêm uma única entrada; outras reportam-se a tratamentos seguidos ao longo de vários anos. Esses livros são uma preciosa fonte para chegarmos ao cotidiano da clínica e do encontro entre os pacientes, os médicos, a instituição, a ciência, as terapias disponíveis e mesmo alguns elementos da moral e senso comum vigentes. Dão-nos também acesso ao humor de Thomaz de Mello Breyner e sua atitude perante a vida, como observou João Carlos Rodrigues num artigo sobre os comentários que esse médico incluía nas fichas clínicas (Rodrigues, 1988:63-69).

Figura 3

Anotações clínicas de Thomaz de Mello Breyner



A análise dos dados de identificação das pacientes revela que a clientela atendida era majoritariamente oriunda das classes populares, com grandes contingentes de criadas, costureiras, operárias, operários, artesãos, amas de leite. Aqui e ali aparecem também meretrizes e toleradas — isto é, prostitutas registradas

que exerciam legalmente a profissão — que iam à consulta pelo seu próprio pé, em contraste com aquelas que a polícia sanitária compulsivamente internava nas enfermarias de Santa Maria Madalena e Egipciaca.¹⁵ Aparecem ainda referências cruzando pacientes, reportando parentesco, contatos sexuais ou ainda contatos não sexuais — aleitamento, partilha de objetos, proximidade — a que hipoteticamente se reporta a transmissão da sífilis.

Um dos mais densos enredos contidos nesses livros — ressoando a miasmas, contágio, lugares de perigo e estereótipos — é o que envolve toda uma família do bairro lisboeta de Alfama. Mulher, marido, filha, genro, um netinho de 20 meses, uma nora, outra neta e uma vizinha — todos aparecem unidos na sífilis. Segundo a família, o mal teria partido da vizinha sífilítica que dera de mamar à criança e a infectara, tendo esta seguidamente infectado a própria mãe, também pela amamentação, e a avó, que inadvertidamente levou à boca a colher com que alimentava a criança.¹⁶ As mulheres teriam infectado os maridos, e nem a outra netinha, filha da nora, tinha escapado à moléstia que caíra sobre a família.

Suspendendo juízos de valor ou moral, Thomaz de Mello Breyner procede ao trabalho de avaliação clínica, prescrição terapêutica e acompanhamento. Diagnostica sífilis secundária na mulher de 50 anos, que primeiro aparece à consulta, receita-lhe pílulas de protoiodeto e anota que o caso é muito interessante, reportando o episódio passado com o neto que “mamou aos 5 meses numa vizinha sífilítica e passados 8 dias apareceu-lhe uma borbulha no canto da boca (l. esq.) que era um cancro duro”, a que se seguiram outros sintomas.¹⁷ Anota que a mãe da criança, que passou a amamentá-la, apareceu com um cancro duro no seio; que a avó teve um cancro duro na amígdala esquerda, e seu marido uma ferida no membro, de que não tinha feito caso, a que se seguiram um conjunto de sintomas — placas mucosas bucais, sífilide papulo-escamosa, laringite e alopecia. Thomaz de Mello Breyner não deixa de relativizar o relato desse homem com um intercalar “diz ele”, entre parêntesis, abrindo a possibilidade de a sífilis ter entrado em casa por outras vias. Receita-lhe fricções de mercúrio, e dele aponta: “Este doente contraiu sífilis por contacto venéreo com a esposa legítima e que foi infectada pela colher com que dava de comer a um neto sífilítico por ter mamado numa vizinha que também o era”. No fim

¹⁵ Ver: Bastos e Carvalho (2011:151-162).

¹⁶ A transmissão de sífilis através do aleitamento pode ocorrer nos dois sentidos. Casos históricos de infecção massiva de mulheres que aleitavam crianças institucionalizadas na Toscana estão documentados para épocas anteriores por Kertzer (2008). Para as discussões sobre transmissão de sífilis por colheres e objetos, ver: Engelstein (1986).

¹⁷ Esta citação, bem como as seguintes, provém dos livros de consulta — Moléstias sífilíticas e venéreas, registros de consulta. Manuscritos. Coleção de Dermatologia do Desterro, 1898.

das fricções mercuriais desaparecia a roséola, mas mais tarde apareciam placas nas mucosas bucais e laringite, ao que o médico receita injeções com salicilato de mercúrio por várias semanas. A filha diagnostica também sífilis secundária, com a anotação que “adquiriu sífilis dando de mamar a um seu filho que fora infectado por uma vizinha e que tinha um cancro duro labial”; como sintomas apresentara roséola, cefaleias, placas mucosas bucais, dores ósseas, que tinham desaparecido uns meses antes da consulta, tendo entretanto tomado um tal de Licor de van Sivietén, receitado pelo dr. Reis Stomp. Thomaz de Mello Breyner também receita pílulas de protoiodeto; vê também o bebê, “com o seu palatinho, faringe e língua cheia de placas mucosas”, e uns dias depois anota o médico que “o pequeno L., que teve uma grande carga de placas mucosas bucais, está muito melhor”. Também a nora é consultada, também ela com os sintomas, e com uma história que assim escreve Mello Breyner:

Há dez meses teve uma filhinha que nasceu sã, mas aos 2 meses, quando já grassava a sífilis em casa, apareceu com uma borbulha muito feia num beijo e passado um mês rebentou-lhe o corpo todo, principalmente no assento e nas partes, foi definhando a pouco e pouco e aos oito meses morreu feita numa chaga e muito sequinha.

À jovem mãe, nora do casal inicial, receita tónicos e vai dando injeções de salicilato de mercúrio (1 cc.) nas semanas seguintes, até que melhora. E nós, leitores atentos, somos contagiados de alguma esperança, envolvidos que ficamos com as vidas daqueles que, dos dois lados da consulta, constituem o encontro clínico da sífilis.

Se a maioria dos casos de sífilis tratados no Desterro se atribuía a transmissão sexual, havia ocasionais casos associados ao aleitamento. Assim acontecia com uma mulher de 30 anos que se apresentou à consulta em 1903 com uma lesão de mamilo — um cancro duro. Tratava-se de uma ama de leite da Santa Casa da Misericórdia que contraíra sífilis amamentando uma ou mais crianças infectadas. A identificação dessa via de transmissão não era isenta de polémica, mas nesse caso Thomaz Mello Breyner não hesitou em anotar na ficha as referências extragenital e, com aspas suas, “misericordiosa”. Esse particular caso clínico era de grande complexidade e foi objeto de apresentação em aula de clínica cirúrgica. Logo na primeira consulta eram descritos cancro do bico do peito, syphilide papulo-escamosa, cefaleia, alopecia, gânglio axilar e gânglios inguinais, cervicais e na axila. O tratamento viria a ser longo: às convencionais fricções de mercúrio em ambulatório seguiu-se um internamento de oito meses, que deu lugar a terapia

de protoiodeto de mercúrio em ambulatório, a novo internamento, e, finalmente, com o alastramento das lesões pelos membros superiores e inferiores em 1906, a injeções semanais de óleo cinzento. Dez anos depois, com o comentário “boa filha à casa torna”, Thomaz de Mello Breyner registrava um episódio de retite específica e mandava tratá-lo com fricções. Esse caso clínico tinha por trás um drama pessoal que está registrado numa carta que a paciente pediu a alguém para escrever. Tendo os filhos à fome e ao frio, pedia ao médico que a ajudasse (“por esmola”) a obter da Santa Casa uma compensação, já que tinha sido ao seu serviço que adquirira a doença que a privava de trabalhar. Anota Thomaz de Mello Breyner à margem que “graças a um requerimento feito por mim alcançou uma indenização da Misericórdia”.¹⁸

Tais registros, comentários e atitudes associadas são reveladores do envolvimento desse médico com sua clínica, seus pacientes e o mundo de terapêuticas, conhecimentos e técnicas que mobilizava para tratá-los — bem como do seu já referido humor. Ora era um jocoso “o bom filho à casa torna”, para pacientes que regressavam ao fim de muito tempo com novo episódio venéreo, ora uma remissão para a categoria de *ancienne cocotte*, ora histórias mais alongadas, como a do “pobre velho que se galicara” no próprio prédio onde vivia e cuja porta guardava, no qual moravam “estudantes que costumavam ser visitados por uma linda rapariga”, que assim lhe transmitira a sífilis:

Uma noite, pelas 9 horas, apareceu a pequena a perguntar pelos rapazes e ele disse que tinham saído todos. Voltou a bela às 11 horas e como ainda não tinha recolhido a rapaziada pediu licença para esperar. À meia noite o nosso velhote, que era asqueroso, resolveu fechar a porta, mas, a pedido da rapariga, consentiu que ela ficasse esperando sentada num degrau da escada. O velho recolheu ao cubículo, deitou-se e quando ia a pegar no sono sentiu bater na porta. Foi abrir e sentiu-se empurrado pela rapariga que fechou a porta por dentro, despiu-se e meteu-se na cama do velho!!! Este, que há mais de 10 anos não sabia o que era uma mulher, teve uma noite agitada, mas agradável, segundo o que contou e passados 15 dias tinha um cavallo duro e da pior espécie por isso que lavrava em terreno cansado.¹⁹

Muitos comentários se poderiam aqui adicionar, ilustrando a variedade de situações que se associam à sífilis e à vida urbana: o idoso acima descrito, abu-

¹⁸ Moléstias... (1903).

¹⁹ Moléstias sífilíticas e venéreas, registros de consulta, 1897. Manuscritos. Coleção de Dermatologia do Desterro. Ver também: Rodrigues (1988).

sado por uma mulher mais nova habituada a conviver sexualmente com outros jovens (ao que o clínico comenta que “a mulher é como a mosca, tanto pousa em açúcar como na trampa”); ou a “criada de espanholas bonitas”, que se limpava “à toalha a que os fregueses enxugam o instrumento com que plantam meninos... porque cheirava muito bem”;²⁰ ou o jovem estofador preso no Limoeiro, onde fora alvo de um “assalto ao traseiro” que tinha redundado em sífiloma do reto;²¹ ou as virgens que aparecem infectadas e com sintomas; e os casos padrão, de transmissão genital, dentro da família ou fora dela, entre homem e mulher ou entre homens, em encontros de amor, de comércio ou de violência sexual.

Vênus, mercúrio e arsênico, ou o mundo da sífilis antes da penicilina

Dizia-se então que a uma noite com *Vênus* se seguia uma vida inteira com *Mercurio*.²² Assim parecem confirmar as anotações de Thomaz de Mello Breyner sobre as terapêuticas usadas: mercúrio, mercúrio e mercúrio, em fricções, pílulas e injeções; protoiodeto; cacodilato; óleo cinzento; tônicos. Ficamos sabendo que nem sempre as prescrições podem ser seguidas. Em 11 de abril de 1904, Mello Breyner anota que uma paciente, criada de servir de 36 anos, diagnosticada com cancro duro no pequeno lábio esquerdo, a quem tinha receitado cacodilato em 18 de novembro de 1903, “só tirou resultado com as pílulas de protoiodeto de Hg — 0,01gr por dia — Isto provém de não haver caccodylato nas ampolas do Hospital! — Que vergonha e pouca vergonha!”²³

À monotonia e às limitações do mercúrio veio contrapor-se um novo medicamento, saído em 1910 de um conjunto de experiências conduzidas na Alemanha pelo famoso médico Paul Ehrlich, galardoado com um Nobel pelo seu trabalho de visualização de micróbios patogênicos. Coadjuvado por Hata, Ehrlich tinha desenvolvido um composto de arsênico capaz de neutralizar a sífilis, reduzindo espetacularmente seus efeitos. Tratava-se do Salvarsan, ou 606, apresentado como uma “bala mágica” dirigida ao *trepanema pallidum*, o agente infeccioso da sífilis.²⁴

²⁰ Moléstias... (1908); Rodrigues (1988).

²¹ Moléstias..., 1902; Rodrigues (1988).

²² Ver: Carrara (1996).

²³ Moléstias..., 1903; Rodrigues (1988).

²⁴ Paul Ehrlich é retratado como o herói que dá ao mundo um novo remédio precisamente num filme, rodado em Holywood em 1940, que tem o sugestivo nome de *Dr. Ehrlich's magic bullets*. Ver: Bastos (2012:243-257).

Reza a tradição oral que Paul Ehrlich terá escolhido Thomaz de Mello Breyner e o Hospital do Desterro para primeiro ensaiar em Portugal o novo remédio.²⁵ Uma exploração aos documentos da época mostra-nos, porém, alguns pormenores que obrigam a uma pequena adaptação na narrativa. Thomaz de Mello Breyner usou com entusiasmo o 606 desde novembro de 1910, mas não foi o primeiro a fazê-lo no país, ou sequer em Lisboa, ou sequer no Desterro.

Quando, em agosto de 1910, se dá a primeira aplicação do 606 entre nós, Mello Breyner estava com outras preocupações. Nos seus diários perpassa uma inquietação com o estado do país e com a família real, sobretudo desde o regicídio de 1908 — d. Carlos era seu amigo de infância, juventude e maturidade, companheiro, paciente e confidente. Não é por isso de estranhar que no calor desse verão Thomaz estivesse menos envolvido com o que se passava no Desterro. Estava, aliás, a banhos com a família, primeiro em Biarritz, depois em Cascais, atravessado de preocupação com a iminente queda da monarquia (Breyner, 1993, passim).

Foi assim que quando o Salvarsan primeiro entrou em Portugal, pela mão de Ayres Kopke, do Hospital Colonial, foi disponibilizado a um assistente do Desterro, João Crespo Lacerda, que no dia 28 de agosto o aplicou a uma meretriz de 24 anos internada na enfermaria de Santa Maria Madalena — fato devidamente reportado pelo clínico na revista *A Medicina Contemporânea*, no dia 6 de novembro seguinte.

Quando Thomaz de Mello Breyner retoma a clínica, aliás com redobrado fervor, como que para o distrair do luto pelo regime monárquico, do sofrimento de ver partir a família real e assistir ao que lhe parecia uma antecâmara do abismo em outubro de 1910, vai então adotar o novo remédio com entusiasmo. Logo em novembro, três dias depois da publicação do artigo de João Lacerda sobre a primeira aplicação do Salvarsan, Thomaz de Mello Breyner anota no diário:

9/11/1910 — De manhã Hospital. Fiz grande prelecção deante de muitos estudantes e injectei duas doentes da Enfermaria da Piedade com o novo remédio 606 contra a syphilis, descoberta do Professor Ehrlich. Vim almoçar a casa [Breyner, 1993:320].

²⁵ A tradição tem suporte escrito em Penela (1997), Rodrigues (1988) e Mora (2011). De um modo geral, a descrição não deixa de ser fundamentada, uma vez que por pareceres indiretos, Thomaz de Mello Breyner terá sido recomendado a Ehrlich, a quem não conhecia pessoalmente, e a partir de novembro de 1910 aderiu entusiasticamente ao novo remédio e o aplicou sempre que pôde, confiante nos seus resultados.

Dois dias depois, escreve que no hospital faz preleções aos estudantes sobre coisas várias da sua consulta, sem explicitar se discutiu o 606. No dia 13, domingo, vai ver os resultados nas pacientes injetadas com o novo remédio: “De manhã fui com o José e Néco à Capela de Monserrate nas Amoreiras ouvir missa. Estava chovendo. Depois ao Hospital ver os doentes do ‘606’” (Breyner, 1993:321). Fala pela primeira vez dos bons resultados a 29 de novembro: “De manhã [fui ao] hospital onde continuo fazendo com bom êxito algumas injeções de ‘606’” (Breyner, 1993:328). A 5 de dezembro refere que de manhã no hospital fizera “uma grande lição sobre a especialidade a muitos rapazes que concorreram à minha Consulta”, comentando: “Sou professor oficioso, mas tenho tanta gente como officiaes” (Breyner, 1993:330).²⁶

Quase no final do ano, a 29 de dezembro, refere-se pela primeira vez à aplicação do novo remédio numa paciente privada. Vale a pena transcrever integralmente o verbete relativo a esse dia como amostra do seu modo de combinar diversos assuntos.

De manhã fui com a Colega Domitila de Carvalho dar uma injeção de “606” na Rua do Vale de Santo Antonio. Vim almoçar a casa. De tarde consultório. Jantei em casa do Julio Mardel. Tempo bonito e frio. À noite fui à doente do “606” da Rua do Vale de Santo António. Morreu hoje depois do meio dia a Senhora Marqueza de Sabugoza com 78 anos RIP etc etc etc. [Breyner, 1993:336].²⁷

Ao entusiasmo inicial com o Salvarsan seguiu-se alguma moderação e cautela. De vários lugares vinham as acusações à sua toxicidade, aos riscos de cegueira e morte. Não era ainda dessa vez que se conseguia a “bala mágica”. Instalou-se a polémica, Thomaz de Mello Breyner sintetiza a questão em *Arsenicais e sífilis* (Breyner, 1918). Havia que aguardar por uma fórmula melhor — o Neosalvarsan, ou 918 — para tratar com mais segurança e eficácia os efeitos da doença. Mas também esse remédio mostraria limitações e efeitos secundários.

O cenário de tratamento da sífilis só viria a se alterar de modo definitivo com o aparecimento da penicilina. Para os sucessores de Thomaz de Mello Breyner

²⁶ Só em 1930 é nomeado professor.

²⁷ Domitila de Carvalho foi a primeira médica portuguesa. A doente da rua do Vale de Santo Antonio será acompanhada ao longo do ano de 1911 e aparece em várias das entradas do diário de Thomaz de Mello Breyner, que acaba por referir sua identidade. Tinha sido acompanhada no hospital; agora era uma doente privada, e foi a primeira a receber o novo tratamento em domicílio. Tratava-se de uma jovem, recente orfã de mãe, cujo estado causava preocupação ao progenitor.

ficou o papel de mostrar reservas à nova terapêutica, como aconteceu com Luiz Sá Penela²⁸ — talvez pelo que aprendera com o Salvarsan. Para os sucessores deste ficou a rendição aos poderes da penicilina e à transformação radical que gerou na venereologia.

Falecido em 1933, Thomaz de Mello Breyner não viveria para conhecer essa revolução terapêutica. Com ele, e com suas extraordinárias anotações, ficou conservado outro momento da história da medicina e da experiência da sífilis, que neste artigo tentamos trazer à vida.

Referências

- ANASTÁCIO, Vanda. Mulheres varonis e interesses domésticos: reflexões acerca do discurso produzido pela história literária acerca das mulheres escritoras da viragem do século XVIII para o século XIX. In: COLÓQUIO LITERATURA E HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR, 1., Lisboa, 2005. *Actas...* Lisboa: Universidade Aberta, 2005. p. 427-445.
- BASTOS, Cristiana. Omulu em Lisboa: etnografias para uma teoria da globalização. *Etnográfica* v. 2, p. 303-324, 2001.
- _____. (Org.). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011a.
- _____. Thomaz de Mello Breyner e a clínica de sífilis. In: _____. (Org.). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011b. p. 163-173.
- _____. Corpos, climas, ares e lugares: autores e anónimos nas ciências da colonização. In: _____.; BARRETO, R. (Orgs.). *A circulação do conhecimento: medicina, redes e impérios*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011c. Disponível em: <www.imprensa.ics.ul.pt/download/books/bastos_barreto/25-58.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- _____. Infecção e redenção: Dr Ehrlich's magic bullet. In: GOMES, A. C.; FIGUEIREDO, B.; TRUEBA, C. (Orgs.). *História da ciência no cinema*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 243-257.
- _____.; CARVALHO, Rita Almeida de. “Ai Mouraria!”: da hospedaria ao hospital. In: _____. (Org.). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 151-162.
- BREYNER, Thomaz de Mello. *Arsenicais e sífilis: crítica do tratamento abortivo*. Lisboa: Academia das Ciências, 1918.
- _____. *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Mafra: 1869-1880*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1930. V. 1.
- _____. *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner, 4º Conde de Mafra: 1880-1883*. Lisboa: s. n., 1934. V. 2.

²⁸ Ver: Matos (2011:123-134).

- _____. *Diário de um monárquico: 1908-1910*. Editado por Gustavo Mello Breyner Andresen. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1993.
- _____. *Diário de um monárquico: 1905-1907*. Editado por Gustavo Mello Breyner Andresen. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2002.
- _____. *Diário de um monárquico: 1902-1904*. Editado por Gustavo de Mello Breyner Andresen. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2005.
- CARRARA, Sérgio. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.
- ENGELSTEIN, Laura. Morality and the Wooden Spoon: Russian Doctors View Syphilis, Social Class, and Sexual Behavior, 1890-1905. *Representations*, Oakland, CA, n. 14, p. 169-208, primavera 1986.
- HORTA, Maria Teresa. *As luzes de Leonor*. Lisboa: Dom Quixote, 2011.
- KERTZER, David. *Amalia's Tale: A Poor Peasant, an Ambitious Attorney, and a Fight for Justice*. Nova York: Houghton Mifflin, 2008.
- MATOS, Antonio Perestrelo de. Ceroplastia e dermatologia em Portugal: Sá Penela e Caeiro Carrasco. In: BASTOS, C. (Org.). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 123-134.
- MORA, Luiz Damas. Augusto Monjardino. *Revista Portuguesa de Cirurgia*, n. 14, p. 120, 2010.
- _____. Desterro: vida e morte de um hospital. In: BASTOS, C. (Org.). *Clínica, arte e sociedade: a sífilis no Hospital do Desterro e na saúde pública*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011. p. 41-56.
- MOTT, Luiz. *Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- PAIS, José Machado. *Sousa Martins e suas memórias sociais: sociologia de uma crença popular*. Lisboa: Gradiva, 1994.
- PENELA, Luiz Sá. D. Thomaz de Mello Breyner e o Hospital do Desterro. In: RODRIGUES, J. C. *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner*. Ed. fac-sim. Lisboa: [s.n.], 1997. Edição comemorativa do centenário da Fundação da Consulta de Moléstias Syphiliticas e Venéreas do Hospital do Desterro.
- RODRIGUES, João Carlos. Thomaz de Mello Breyner (uma outra perspectiva). *Boletim Clínico dos HCL*, v. 45, n. 1-2, p. 63-69, 1988.
- _____. *Memórias do professor Thomaz de Mello Breyner*. Ed. fac-sim. Lisboa: [s.n.], 1997. Edição comemorativa do centenário da Fundação da Consulta de Moléstias Syphiliticas e Venéreas do Hospital do Desterro.
- VÁZQUEZ, Raquel Bello. *Mulher, nobre ilustrada, dramaturga: osmia de Teresa de Mello Breyner no sistema literário português (1788-1795)*. Santiago: Laivento, 2005.

CAPÍTULO 5

Crescêncio Antunes da Silveira: um médico filantropo baiano

Cleide de Lima Chaves

Crescêncio Antunes da Silveira (1884-1952) é um personagem importante para a compreensão da trajetória filantrópica e assistencialista do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória da Conquista entre as décadas de 1910 e 1950, tendo atuado como médico e político. Pretende-se, com este capítulo, discutir a filantropia cristã praticada por ele e de que maneira contribuiu para o estabelecimento desse tipo de prática na cidade de Vitória da Conquista, no interior baiano.

A filantropia pode ser definida como uma ação continuada, refletida e organizada; no entanto, vale ressaltar que, no Brasil, conviviam com as práticas caritativas e, muitas vezes, elas se confundiam. Como ressalta Gisele Sanglard,

imanescentes ou transcendentais, laicas ou confessionais, ações isoladas ou coletivas, a caridade e a filantropia, nos limites deste trabalho, não são entendidas de forma antagônica, visto que se encontram ambas indissociáveis à questão da pobreza, do socorro aos pobres e, posteriormente, do controle social sobre eles [Sanglard, 2005:31].

Para nossa análise, importa destacar que a filantropia exercida aqui estava voltada especialmente para a caridade cristã, porque foi esse o modelo filantrópico que se firmou no Brasil e na cidade de Conquista no período estudado. O elemento da caridade cristã está muito presente porque, entre outras questões, a Igreja Católica teve um papel fundamental na estruturação do Hospital da Santa Casa da cidade e porque o nosso personagem, Crescêncio da Silveira, era um católico fervoroso e destacava esse elemento em seus discursos nas reuniões da irmandade. Os memorialistas locais destacam que ele foi apelidado pelo povo conquistense como o “Apóstolo da Caridade” e, assim, o descreviam como “médico clínico, que sempre atendeu a todos, sem distinção de classes, praticando mais a caridade, não ligando recompensa material e a prova é que quando faleceu não tinha, nesta Cidade, uma casa para morar” (Vianna, 1982:241).